

» ENTREVISTA | **ELOY TERENA** MINISTRO DOS POVOS INDÍGENAS

Meta é avançar nas demarcações e desintrusões de terras e estimular o aumento da representação dos povos nos espaços de poder

“Terra indígena cumpre função vital”

» ALINE GOUVEIA
» RAPHAELA PEIXOTO

O recém-empesso ministro dos Povos Indígenas, Eloy Terena, chegou ao cargo com uma missão: acelerar a demarcação de terras indígenas. Ao substituir Sônia Guajajara, que retorna à Câmara dos Deputados e pretende concorrer nas eleições deste ano, ele garantiu que dará continuidade, também, ao prosseguimento dos processos de retirada de invasores dos territórios indígenas e a criação da Universidade Federal Indígena. Ressaltou a relevância do Acampamento Terra Livre — que ocorre em Brasília — e destacou que a proteção das áreas dos povos originários é algo que impacta toda a sociedade, sobretudo no enfrentamento das mudanças climáticas. Leia os principais trechos da entrevista a seguir.

Como o ministério tem atuado e como está o diálogo com o governo e os outros Poderes em relação às demandas indígenas?

A principal demanda dos povos indígenas é a conclusão das demarcações. É uma questão legítima, haja vista uma mora que o Estado brasileiro tem com os povos indígenas. Quando assumimos em 2023, retomamos processos que estavam há décadas paralisados. Nesses meses de gestão, foram 20 terras homologadas, 21 com portarias declaratórias assinadas, 31 reservas constituídas e 44 novos grupos de trabalho instituídos. Somando as homologadas e declaradas, são cerca de 3,7 milhões de hectares de terras protegidas.

Raphaela Peixoto/CB/D.A. Press

**Há alguma expectativa de demarcação de terras para este Abril Indígena?**

O que posso garantir é que temos alguns processos que estamos finalizando e trabalhando para que possamos soltá-los. Aqueles que não conseguimos liberar agora, seguiremos trabalhando para concluir até o fim do ano. Vamos trabalhar com todo o fôlego necessário para entregar o maior número de terras.

No ano passado, a então ministra Sônia Guajajara analisou que há uma correlação desigual de forças entre os Poderes. Como o senhor analisa essa questão?

Quando olhamos para o Congresso, somos uma minoria de representação e de apoiadores. Por isso, falamos sobre a necessidade de aumentar nossa

representação. Estamos investindo no projeto “Aldear a Política” ou “Aldear o Estado”, em que estamos falando para nossos parentes a importância de participar dos processos decisórios.

Há algum canal de diálogo com parlamentares contrários, ou o debate está polarizado?

O tema indígena acaba entrando na polarização. Mas é



Aponte a câmera para o QR Code assista à entrevista completa



Temos incentivado candidaturas para vereador, prefeito e deputados estaduais e federais. Há situações no Brasil em que a eleição para prefeito só se decide quando fecha a urna da aldeia. Quando os parentes entenderem esse poder, tomaremos decisões em outro patamar. Vários parentes já estão articulados e filiados para concorrer”

Como está o projeto de Lei no Senado sobre a criação da Universidade Federal Indígena?

Conseguimos a aprovação na Câmara dos Deputados e agora tramita no Senado. Existe uma previsão de ser apreciada esta semana em homenagem à mobilização indígena em Brasília. Temos todo interesse de que o Senado aprecie ainda neste mês. Vai ser uma grande conquista para os povos indígenas, porque vai unir dentro de uma institucionalidade acadêmica saberes de povos tradicionais de vários biomas e vai colocar esses saberes para dialogar.

Como o senhor avalia o cenário eleitoral para aumentar a participação indígena?

Temos incentivado candidaturas para vereador, prefeito e deputados estaduais e federais. Há situações no Brasil em que a eleição para prefeito só se decide quando fecha a urna da aldeia. Quando os parentes entenderem esse poder, tomaremos decisões em outro patamar. Vários parentes já estão articulados e filiados para concorrer.

Quais políticas foram implementadas para evitar que crises como a dos ianomâmis se repitam?

Foi nosso primeiro grande desafio. Destaco a instituição do Comitê Interministerial de Desintrusão, criado em abril de 2023, que reúne 22 ministérios e órgãos federais para coordenar as ações. Já temos 12 terras com desintrusão concluída. Outra política é o Programa de Consolidação da Posse Indígena, que foca no pós-desintrusão, garantindo a presença do Estado com monitoramento territorial, saúde e segurança pública.

Marcha e ato no Congresso

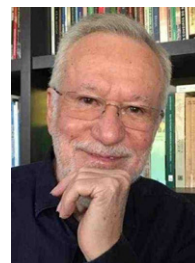
» WAL LIMA

A marcha que tomou a Esplanada dos Ministérios marcou o início da mobilização da 22ª edição do Acampamento Terra Livre, que ocorre até sexta-feira no Eixo Cultural Ibero-Americano (antiga Funarte). Com a participação de mais de 7 mil indígenas de diferentes regiões, o ato seguiu em direção ao Congresso onde uma sessão

solene em homenagem ao ATL foi realizada.

A manifestação chamou a atenção para o avanço de propostas legislativas consideradas prejudiciais aos direitos dos povos originários. A deputada federal e ex-ministra dos Povos Indígenas Sônia Guajajara (PSol-SP) destacou que a mobilização nas ruas precisa caminhar junto com o fortalecimento da presença indígena na política institucional.

Dinamam Tuxá, coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, apontou que “estamos diante de uma ofensiva articulada para desmontar direitos garantidos pela Constituição. O Congresso avança para transformar nossos territórios em mercadoria”. Já a presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas, Lucia Alberta Baré, afirmou que a Funai trabalha para fortalecer políticas públicas e avançar na demarcação de terras.



ALEXANDRE GARCIA

SOMOS VÍTIMAS DO NOSSO FAZ DE CONTA. QUEM ACEITA O FINGIMENTO NÃO ESTÁ CONTRIBUINDO PARA MUDAR O RUMO. O VOTO DESTA ANO NÃO PODE DE NOVO FAZER DE CONTA QUE VAI MELHORAR

Faz de conta

Quase todos os brasileiros acreditam que foi Charles de Gaulle o autor da frase “O Brasil não é um país sério”. Não foi. Quem pronunciou a foi o próprio embaixador do Brasil na França, Carlos Alves de Souza Filho, depois de ter sido recebido pelo presidente francês. O que comprova que não somos um país sério. Naqueles tempos da Guerra da Lagosta, com Jânio Quadros e João Goulart, éramos apenas sem seriedade. Hoje, somos também um país de faz de conta. Faz de conta que o contrato de R\$ 129 milhões é só da senhora Viviane Barci de Moraes. Faz de conta que o Taya-yá é um resort digno de investimentos milionários, como se no Caribe estivesse. Faz de conta que escrever no papel um código de ética vai ter o condão de moralizar o Supremo Tribunal Federal.

Vivemos a era do faz de conta. Faz de conta que queremos dar golpe de Estado sem armas e sem força militar. Faz de conta que senhorinhas com Bíblia e senhora com batom iram

derrubar o governo. Faz de conta que merece 14 anos de prisão o idoso que doou um pix de R\$ 500 para ajudar a pagar um ônibus para Brasília com manifestantes de Blumenau. Faz de conta que Filipe Martins desembarcou na Flórida em dezembro de 2022. Estou usando o faz de conta como um eufemismo. Fingir acreditar no que não é, na verdade, é uma forma de mentir para si mesmo.

Enfim, mentir, como tem sido propalado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, é recebido como forma de esperteza, que é aplaudida e não vaiada. Ou, como não é um país sério, com gente achando graça disso: “A gente tem que mentir”. “Minha mãe me ensinou que a verdade engatinha e a mentira voa”. “O Brasil tem 25 milhões de crianças de rua”. São algumas pérolas que não vão levar à ordem escrita na bandeira, tampouco à consequência da ordem, que é o progresso. Enquanto isso, no Parlamento, homem faz de conta que é mulher e fingimos acreditar, com

medo de que não acreditar no faz-de-conta pode ser crime. No Senado, fazem de conta que a Constituição não exige notável saber jurídico e planejam perguntar fofocas sobre o Master na sabatina do advogado-geral da União, Jorge Messias, para o STF. Santo ilusionismo!

Com o governo gastando mal os impostos, fazemos de conta que imposto não é parte do nosso trabalho, não é o nosso dinheiro. Temos medo de assaltos, de balas perdidas. Medo do arbítrio do Supremo, medo de matricular nossos filhos em universidade pública, mas fazemos de conta que somos felizes assim. É muito ruim ser pessimista, mas quem sente necessidade de anunciar aos quatro ventos digitais que é feliz já está se entregando. Ser feliz não é transmitido pela boca, mas pelas atitudes. Aí, somos vítimas do nosso faz de conta. Quem aceita o fingimento não está contribuindo para mudar o rumo. O voto deste ano não pode de novo fazer de conta que vai melhorar.

WAKE UP

9 A 12 DE ABRIL

MAIS DE 8 ESPORTES GRATUITOS
CAMPEONATOS DE WAKEBOARD E WAKESURF

Lago paranoá
Parque Deck Norte

saiba mais

retire seu ingresso grátis

APOIO: Secretaria de Esporte e Lazer GDF

REALIZAÇÃO: INSTITUTO INFRAMA E PRODUTOS

CAMPEONATO OFICIAL: abv

PARCEIRO DE MÍDIA: CORREIO BRAZILIENSE

PATROCÍNIO: Corona Cero

REALIZADO COM O APOIO DA FUNAI